

RENAZENCA

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Por tres meses	28.000
Por seis	35.000

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres meses	18.500
Por seis	28.500

REDACTORES

Toixeira Duarte, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida,
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1878

NUM. 5

Expediente

De novo rogamos aos nossos assignaturos o especial favor de remetter-nos a importancia de suas assignaturas pelo correio.

Os originaes enviados a redacção não serão devolvidos.

RENAZENCA

Rio, 15 de Outubro de 1878.

Importantes são as phases que a historia nos apresenta da vida dos povos, da estabilidade da monarchia e da existencia do throno.

Essas phases dividem-se, não obstante o genio do homem e o caracter dos povos.

Umas accendem no coração humano a verdadeira luz da grandeza, arrebatam e fazem pulsar nas veias o sangue entusiastico e nobre que fita novos e brilhantes futuros.

Outras, porém, aterraram, demonstram por si a marcha lenta da degradação, causam horror a quem as estuda com a devida attenção e parecem querer submergir no nada a humanidade inteira.

São essas a causa das grandes revoluções, o efecto de duas causas enormes: a ignorancia e a ambição do homem.

FOLHETIM

Em frente à janela do meu modesto aposento, tendo, diante de mim, sobre uma mesa, diversas tiras de papel em branco espalhadas, de pena em punho, preparava-me para escrever o folhetim da *Renazenca*, tarefa graciosa que alguns amigos me haviam incumbido.

Eu folhetinista!

Se bem me recordo só escrevi um folhetim em minha vida. Foi o um jornal academic. E que folhetim! . . .

E agora este.

Aqui muita baixinho, em segredo, à puridade, isto de escrever no roda-pé de um jornal não é das causas mais agradaveis. Um folhetinista é sempre... um folhetinista e nada mais.

A ignorancia, porque não deixa ver o presente nem prescrutar ou fazer hypotheses sobre o futuro. Ela tem sido e será sempre aposta na marcha dos povos para o consorcio sublime da educação com a instrução e da razão com os factos.

A ambição do homem porque é uma paixão e a paixão cega, não deixa-se ver o precipicio em que se lança aquele que é presa dessa paixão levando nessa cegueira os destinos de um povo.

Isto demonstra-o a historia e o tempo. A historia, porque é o echo do passado com toda a sua sonridade, e o tempo — porque vôle e na sua carreira soberano com a inteligencia humana, vai derreando as cortinas dos templos da ignorancia.

Assim, dois grandes séculos se nos apresentam em que a razão triunfa; dois séculos de luzes. Em ambos havia os altares da ignorancia, em ambos reinara o despotismo. Um é o século de Luiz XIV, o outro, aquelle que aspirava deixando tintos de sangue azul os degraus da guilhotina o século de Luiz XVI.

No primeiro vemos Luiz XIV, n'outro e Mazarino, soberanamente declarar que reinaria sem primeiro ministerio; elle era o senhor absoluto!

O povo com os olhos vendados e cabos baixo, obedeceu ao «L'état c'es moi». Nesse reinado grandes vultos intelligentes e habeis apareceram.

Mas fechemos a parenthesis.

Tinha deante de mim todos os materiais necessários para escrever este folhetim.

Li dar começo ao meu trabalho; mas, oh! fatalidade! desejo destrutivamente os olhos das tiras de papel e fito-os no espaço.

A tarde cahia.

Nuvens brancas, esfumaçadas, semelhantes a um transparente véu de filó, coroavam o alto cimo da poetica Tijuca.

O sol afundava-se por trás dos montes como que abraçando o horizonte.

Era a magica hora da rapida transição em que ao dia sucede a noite, hora de luz e de sombra, de saudade e de amor, de molaçola e de encanto, de perfumes e de brisas.

Accometido, de súbito, por uma destas tristezas vagas, desconhecidas e inelumináveis, que

Colbert foi chamado para o ministerio; grandes operações teve de fazer para rehabilitar os cofres publicos exauridos pelo sorvedouro enorme que conduzia ao immenso ventre da monarchia, e muitos milhões, por suas habilidades e calculos, entraram para os cofres.

Preparava a França para tudo e tudo quanto fizera coube a Louvois desfrutar.

Luiz XIV era muito usado e sumamente despotico; era rei e esquecia-se de que era mortal; queria para os seus o throno da França; mas com toda a sua altivez de carácter e com todo seu despotismo não deixou de proteger as lettras quer na França, quer no estrangeiro. Protegendo-as, elle assegurou-se no throno porque tinha a vontade do povo em suas mãos, e deu luz a seu século e força à França. Porém a protecção que elle dera às lettras não o pode livrar do julgamento da posteridade.

A historia louva-o pelos actos generosos que praticou e condenna-o pelos revoltantes.

No século da revolução francesa já a represa, que o despotismo collocara diante da liberdade e da vontade do povo, teve de ceder. Antes, tudo era escravo de uma má vontade, e nesse século todo o mundo teve de aclamar os direitos do homem.

A revolução francesa foi a espada de Alexandre que cortara o nó gordio da

nos invadem, às vezes, a alma, sem um motivo, ao menos apparentemente real, deixei cair a pena insensivelmente da mão, esqueci-me do folhetim, e, extasiado e impelido por uma força oculta, prez-ei a contemplar esse maravilhoso espetáculo, sempre novo e sempre atraente!

As trevas, trevas espessas já envolvidas a terra e eu, olhos pregados no horizonte, emburecido, parecia ainda ver o espaço ornado de purpurinas faxas!

E que o meu espírito, por um desses loucos caprichos de uma imaginação tresvairado, vagava, como que arrebatado ao seio de transparente nuvem, longe, bem longe da terra pelas regiões irreais da fantasia!

Grossos pingos d'água, caindo em meu semblante húmido e frio, despertaram em mim o sentimento da realidade.

cadeia que escravisava o homem moral e fisicamente, foi o lume que acendera a lanterna do progresso, foi o horizonte da liberdade esclarecido pelos raios do sol da civilização que trazia em suas mãos as taboas da lei da constituição do mundo. A revolução francesa é uma das fases, que a história nos apresenta, dos povos, que arrebata e enebria o coração patriota, é a fase mais sublime da história da França.

NOTICIARIO

O nosso amigo Rodrigo M. dos Santos Junior, a quem devemos a idéia da fundação da «Renascença», deixou de fazer parte da sua redacção.

Fizemos, porém, para reparar tão sensível perda, aquisição do nosso colega e prestatíssimo amigo Alfredo A. Neves. Não havendo distinção entre os dous talentosos muncebos, temos certeza que este substituirá a aquelle como é merecedor.

Havemos recebido os seguintes jornais: *Desouro, Diário de Campos, Atualidade, Baepe-italiano, Mosaico-Ouruprelano, Domingo, Piracicabano, Princiano, Violeta, Arauto de Minas, Progresso, Moedade, Poco, Labirito, Diário de Mogi-mirim, Infância, Papagaio, Meteor, Echo Liberal e Refletor.*

Agradecemos.

Com inestimável prazer recebemos a «Violeta», folha literária, redigida pela Exma. Sra. D. Julieta M. Monteiro. Aos nossos benevolos e patrióticos leitores recommendamos essa perfumada ramalhete literário. É uma pomba conqui-

Era já noite.

Chovia.

Erão as lágrimas do rei que talvez baixassem a ilusão do pétro suíltar!...

Este despertar, como todo despertar de uma ilusão alua e dor, foi doloroso.

Olho em torno de mim: as tiras de papel estavam ainda intactas, no mesmo lugar.

Tomo da pena.

Tento escrever... embala...

Chamo em meu auxílio a musa dos folhetins.

A musa do folhetim me havia abandonado.

A musa do folhetim, como toda virgem bela e ativa que tem consciência do seu poder, da força mágica dos seus encantos e atractivos, é vaidosa, ciosa e vingativa.

Não tolera, nem a mais leve sombra de uma preferência, embora inocente e inconsciente.

Eu a havia esquecido um momento para contemplar o crepúsculo vespertino. Era rei. E ella, juiz soberano, ringava-se soberba do despretencioso escriptor, que a invocava humildemente, repudiando-o sem dó e compaixão.

tada pela sua distincta e intelligente redactora, palma que deve encher de jubilo todos os corações patrióticos, mormente ao belo sexo por ser tão distinatamente representado nas lides da imprensa.

LITTERATURA

A LYRA

Elle ama a solidão, ama o silêncio,
Ama o prado florido, a selva encantada
E da roda o círculo.
Elle ama a viração da tarde amena,
O susurro das águas, os acentos
De profundo sentir.

G. O.

De todos os instrumentos musicos, o mais mimoso a meus olhos, o mais suave a meus ouvidos — é a Lyra.

Os bardos e os cantores do Helicon nella delitílhado as suas estrofes queridas: foi ao som da Lyra que Virgílio cantou Enéas, o herói da famosa Troia, seu genio expandia-se nos clarões divinos das poesias; elle celebrou em versos numerosos as bellezas da vida agrícola: era esse instrumento mágico que fazia as delícias de sua vida, nos salões expleidios dos reis.

O grande poeta inglez Milton, o cantor do Paraíso, extraílo accordes bem sympathicos da sua Lyra; e, da Lyra de Homero, o genio inmorredouro da antiga Grecia, o cysne que deslizava graciosamente no lago azul da poesia, o épico maravilhoso do universo; aínda escuto ressar em meus ouvidos aquellas ondas sonoras que atravessaram até nós o decorso de tantos séculos!

Era no silêncio, na paz, no ormo, nos recintos solitários, que se faziam vibrar as doces cordas desse instrumento sagrado: a gruta malancolico de Macão

estremecia ao som do Lyra do Vate Lusitano; como que electrizada daquelle ignição sublime que ardia no crâneo de Luiz de Camões, esse poeta-guerreiro que tanto se distinguiu pelas armas nas conquistas do Oriente.

O novo mundo, esse mundo grandioso como os pinheiros azulados de nossas pátrias montanhas, pôde se dizer que é já hoje o amoroso regaço da poesia.

Creado para as grandezas, no meio da orquestra universal de tantos povos diversos, elle começa a estrear nas cordas de uma Lyra.

Gonçalves Dias é o primeiro de todos; elle aparece no proscenio com sua Lyra cravejada de perolas e diamantes com esse dom precioso que lhe ligaram as Musas no Novo Continente.

Após o memorável maranhense, em renques destacados, surgem diversos outros: cada qual com sua Lyra abençoadá e fazem um concerto tão maravilhoso que a língua humana não exprime: é um tumultuar de vozes grandes e peregrinas, como as vozes colossais de nossas ricas florestas.

Concerto tanto mais espantoso, quanto repercutem nos mais longínquos lugares onde serve o Maelstrom e onde reserve o Vesuvio.

Todos aplaudem inanimos os accordes de tantas Lyras sonoras e parecem esfriadas de tanta symphonie: a platéa arquejante não cessa de reclamar a presença de tais cantores, que criam as glórias unicas de nossa terra.

Elas não aparecem mais, porque a mão da morte arrojou sob os sepulchros suas grinaldas brilhantes; porque pendurou suas Lyras no ciprestal que borda os cemiterios: elles não eram desto mundo e contudo a sua vida na terra não era mais que um peregrinação constante.

A quem pois pedir inspirações?

A noite?

Mas a noite é triste.

Na seu silêncio funebre, na sua escuridão profunda, na seu recolhimento augusto, um não sei o que de solenne e triste que aberra, um não sei o que de semelhança com os espíritos sofridores e punidores por uma acerba e grande dor.

A noite é a companheira dos infelizes.

E a ella que elles — os miserios, consão os punjentes segredos do coração, os gemidos concentrados d'alma, os suspiros sufocados — eheus surdos e dolorosos do peito.

Só ella os ouve e os comprehende. Só ella com elles chora.

A noite é o refrigerio dos que padecem. Ella só nos inspira pranto e tristeza.

Para que fallar em pranto e tristeza?

Não basta o pranto e a tristeza que a peste tem derramado no seio das famílias fluminenses, transformando esta bella cidade em vasta necrópole?

Nem tudo corre suavemente a medida dos nossos desejos

Deitamo-nos sonhando com flores e esperanças e despertamos com o desespero n'alma.

O mundo é ossim.

Tentei fazer um folhetim e apenas consegui traçar palavras desconexas e vassas de sentido.

Mereço indulgência.

A musa do folhetim, que apesar de fada, reune em si não só os encantos mas ainda os pequenos senhos de seu sello, abandonou-me.

O que fazer sem ella?

Agora o que me resta é prostrar-me, respeitoso e contrito, antes os seus altares, queino em sua honra perfumados incensos para abrandar-lhe as celestes iras.

As mulheres são sensíveis, delicadas e generosas. Ela se enternece e volverá um olhar terno e meigo ao mais fervoroso e humilde dos seus adoradores.

Isto me consola e anima.

A. O.

Deos arrebanhou seus filhos cantando hymnos de gloria, jubilando emfim as alturas.

Eles entraram gloriosos nos porticos da eternidade: lá vivem e reinão perpetuamente cantando em Lyras estrondosas as grandezas de Jehavah.

Surja agora a mocidade do seio da sua modestia; appareçam novos cantores ou antes novos genios.

Venham tambem tentar as curtas interessantes desta lira que agora preludia, e tão prometedora d'enlevo, como o popular de mil canoras avosinhando saudasse a um tempo o romper de um bello dia.

Travoso um círculo perenne de caprichosas harmonias, cante-se a Liberdade, a Immortalidade da alma, si vos apercever o Amor e quanto ha de grande, como esse fogo luminoso que enche de luz diaphana os espaços de nossa terra.

Não se rejeite jamais a mesma coroa dos espinhos, porque della rebentaram flores da mais elegante beleza, para infamia vossa e satisfação daquelle que vos escreve estas linhas.

S. C.

PARTE SCIENTIFICA

A RENASCENCA. OS INVENTORES

(Continuação)

Homem do povo, como a maior parte dos genios, filho de um cardador, Christovão Colombo nas conhecia a humildade do escravo, nem a vaidade do rico.

Povo! Oceano seu fundo e sem limites, fonte inesgotável, matriz augusta das liberdades, examina em tua profundezas a lei da criação eterna!

As aristocracias extinguem-se; as oligarchias corrompeem-se; os reis morrem exilidos e sua raça degenera-se; as monarchias cabem umas sobre outras, as instituições abatem-se e as leis mudam-se como as ondas fluctuantes; o que nos parecia immortal é na verdade pericivel.

Ah! quantas vezes o pharoi do nossas esperanças muda-se em cachoço! Mas tu, oh! povo, possues para sempre a vida mysteriosa.

Muitas vezes fallei da tua indifferença e accusei o teo torpor.

« Dormes, disse eu, e teos amigos morrem por tua causa! »

E, tu, me respondestes:

« Dorimi durante mil annos o pesado sonno da idade media; e, eis, no seculo XVI, encontrei Christovão Colombo, Bernardo Palissy, Itabelais, Cervantes, Miguel Angelo e Shakespear. »

Em 3 de Agosto de 1492 Christovão Colombo subia a — *Santa Maria*, — M. Pinzon a — *Pibula* — e seu irmão Vincenta a — *Nina*.

Soprava o vento favoravel, os céos estavam inundados de luz, os corações feridos do temor e ao mesmo tempo de esperança.

Reunidos na praia os homens e as mulheres choravam.

* Adeos, diziam elles, adeos, não nos veremos mais. *

Ninguem tinha mais esperança que voltasse porque partira, cortando mares desconhecidos.

As caravellas desaparecendo no horizonte, pareciam dissipar-se para sempre no seio do invisivel.

Nessas occasões o espirito humano reune todas as forças e abre as asas em toda a sua extensão para atravessar a imensidão.

Christovão Colombo na verdade pertence a dois mundos: eleva-se na idade media por sua fé viva, ardente e entusiastica, pelo lado mystico e maravilhoso; e, no seculo XVI, pelo saber, genio mathematico e audacia medida de seus talentos.

No limite dos dois universos, ao passo que seu navio avança no espaço e na luz, a idade media apaga-se, dissipando-se na noite do passado.

Não é para elle, nem tão pouco para a sua patria que vai descobrir um mundo, é para a humanidade.

Parece-me que sua caravella é espelhada pelo genio dos povos e que a alma do universo sorpre em suas voltas.

Sem hesitar, segue elle tranquillamente o caminho mysterioso.

Nenhum homem foi mais visivelmente inspirado e propheta que Christovão Colombo.

Nenhum fez tão clara ideia do infinito, porque finalmente descobrio!

E, elevado por essa descoberta, escreveu: « Realizei o que as forças humanas até aqui não poderam alcançar, porque se alguns autores escreveram ou fallaram destas ilhas, fizeram-no por conjectura ou por meio de fabulas.

Ninguem até aqui pôde dizer: — *Eu as vi.*

Ao ouvir fallar dessa descoberta, Pedro Marthyr d'Anghiera exclamou: « *Beari sentio spiritus meos* »

A Europa inteira parecia alegrar-se como uma noiva, quando se lhe conduz o esposo.

E elle, Colombo, autor dessa immensa e santa alegria, ia, pouco tempo depois, perecer na miseria.

Cercado de sombra e com o coração magoado escreveu ao rei Fernando:

— Entrei para o serviço da V. Magestade ha vinte e oito annos; presentemente,

tenho os cabellos brancos e o corpo enfermo. Jú não tenho um — *maracedi* (*) para fazer uma offerta espiritual. Que chore, pois, sobre mim [aquele que] conheceu a claridade, a verdade e a justiça. »

Depois destas lamentações expirou em Valladolid, em um leito indigente.

Assim terminou esse homem que tinha prometido e dado imperios à Espanha.

E o destino d'aquelles que procuram percorrendo terras desconhecidas.

Desprezados, ultrajados, caluniados, fugitivos, pobres, morrem, deixando por herança ao velho mundo, um outro por elle desconhecido.

Christovão Colombo symboliza os martyres da ideia.

O — *poble* — de Valladolid é imenso como o Caucaso e como o Calvario.

(Traducção)

AVELLAR ANDRADE.

POESIAS

MINHA ESTRELLA

Findarão-se as minhas dores,
O' graças, graças, meu Deus!
Já surgiu lá no horizonte
A estrella dos sonhos meus.

Como scintilla briilante!...
Como esparge bella luz!...
Como me aponta a vereda
Que a ventura só conduz.

Não mais nas veigas celestes,
Oh! deixes de fulgurar.
Já não podia... era tempo
De minha cruz reposar.

Brilha estrella... Só tu podes,
Com a luz do santo amor,
Dissipar veloz, risonha,
As nevoas de minha dôr.

Brilha estrella... Quero sempre
Ver na terra o teu fulgir:
— Elle é a crença, a esperança,
A seiva do meu porvir.

Findarão-se as minhas dores,
O' graças, graças, meu Deus!
Já surgiu lá no horizonte
A estrella dos sonhos meus.

O.

(*) Moeda de cobre espanhola.

RECORDAÇÃO

Eu era bem pequeno, inda me lembro,
Do dia, onde, a luz, eu vi primeiro,
O espaço da campina verdejante
Descalço percorria prazenteiro.

Os cuidados da vida inda não tendo,
Todo o tempo, brincando, então, passava,
E de caza afastado o dia inteiro
Aos passaros mil laços eu armava.

A tarde, quando a casa recolhia,
Com appetite à mesa moço assentava.
Sem «castellos» formar para dormir
A noitinha a cama eu procurava.

Que noites felizes então passava!
E logo ao despontar do novo dia,
Qual ave despresando o ninho seu.
Da cama pressuroso, então, fugia.

Pequena alteração, emfim, fazendo,
Da vespera os ardós eu repetia:
E assim esquecido o meu futuro,
Bem perto de meus paes, feliz vivia!

Rio, 1878.

Vieira da Silva.

ELEGIA

Outr'era adorava do mundo as florestas,
Das mattas fonestas o triste cantor,
Dos borques sombrios a flor dos encantos
Regada co'os prantos da noite na dôr.

E os prantos que a noite deitava-lhe outr'ora,

Os prantos, que agora mais tristes não são
E os prantos alegres da aurora formosa,
Que as folhas da rosa lançavam no chão.

Amava des bosque as relv'as sombrias,
As flores tardias do lar boninal,
E as vagas infâustas n'areia rolando
No centro formando seu leito brumal.

Amava as estrelas das noites serenas,
As luces amenas do leito lunar;
E a lua que os raios os mais delirantes,
Os deita brilhantes dos homens no lar.

Outr'ora adorava dos bosques as flores,
Dos melros cantores alegre trinar;
E só detestava do mócho ageureiro
Da cruz pousadeiro dos mortos no lar;

Os pios funereos, de noite assombrada,
Na triste morada dos mortos em paz,
Que triste descansam nas tumbas ardentes
Dos feitos ingentes da morte voraz.

Porem hoje adoro tambem a donzella,
Que é ainda mais bella que o mimo da flor,
E flos doirados das loiras madeixas
Nas bellas endechas de phrases de amor!

— Amor — a palavra mais doce da vida,
Palavra querida do peito mortal,
Palavra adorada das virgens no leito,
Palavra do peito do ante humano!

Assim eu adoro do mundo a donzella
Que mais inda é bella que flor de manha,
Que julgo orgulhar-se co'a pura neblina,
Que o coração lhe cobre louça.

— Mulher, se os encantos de tua belleza
Te dizem tristeza no peito morar,
Despreza a minh'alma que segue-te erguida,
Na azas trazida de um anjo a cantar.

— Oh! não!... tu me offendes assim me faltam jo!
Diz ella, soltando soos prantos de dor.

— « Não sabes que é triste no peito das virgens.
Soffrer em vertigens as phrases de amor? »

— « Não sabes que as virgens supportam amores
Guardados nas dores de um puro soffrer.
Não sabes que tondo teo nome querido
No peito gelido me faz padecer? »

— « E's muito inocente, criança formosa,
Teo rosto uma rosa só pode imitar,
Teo peito dotado da pura amizade,
Teo corpo a deidade que devo adorar! »

E, logo estas phrases d'amor terminando
A virgem, parado, meu ser contemplou,
Assim exaltada d'immensos desejos,
Meu rosto, entre beijos, no seio apertou.

— Mulher, — se os encantos de tua belleza
Te dizem tristeza no peito morar,
Despreza a minh'alma, que segue-te erguida,
Na azas trazida de um anjo a cantar.

Se os cantos predizem amores tristonhos
Das virgens os sonhos também relatar;
Não cantes oh! virgem! que a tua tristeza
Não deixa a belleza teus labios ornar!

E a virgem, mais bella que a flor matutina
Que a propria boninha no lar paternal,
Soffreu seus martyries no poito nevado
Por Deus maltratado no amor conjugai!

Dez dias apenas, no peito amoroso,
O amor deleitoso da virgem durou!
E a triste donzella, por mim adorada,
Na tumba, coitada, tão cedo rolou!...

Agora me vejo perdido no mundo!
Silencio profundo na vasta amplidão!
E o mócho lá solta seu pio funéreo
Do seu camiterio no triste chorão!...

Rio — 1878.

Avellar Andrade.

DEVANEIO

Cançado de viver ha muito eu peço
Ao Senhor Deus, ao Deus lá das alturas.
Que bem cedo me de lugar humilde
No frio chão das frías sepulturas.

Eu sei a meu pesar quantas misérias
Lugubremente o mundo em si encerra,
E digo ao mar — envolve-me em tuas ondas
E digo à campa — Enbrulha-me na terra.

P'ra que a vida, se a vida é um martyrio
Luz scintillante que um sopro logo apaga
Barca sem leme nos vendavaes do norte
Escolha corona em que a razão naufraga

Nunca encontrei ventura n'este mundo
E tanto eu a imploro e rego aos céus,
Talvez qu'encontre se procurral-a um dia
Na escura treva dos fríos mausoléos.

Da desgraça o sopro já matou os senhos
Da vidente, esp'rançosa juventude,
Sonhos, porvir, cantes, vida e esperanças,
Envolve-os em teu seu seio, oh! athauda.

Rio, Outubro — 1878.

R. M. dos Santos Junior.

A CAPELLI CAMARANI

As vezes, poeta, o orvalho se inclina
E beija a bonina nos campos em flor;
O beijo suave do pallido orvalho
Parece, poeta, fallar-me de amor!

A nuvem rosada que alastrá o horizonte
E vem sobre o monte pousar qual condor,
E beijo suave de ethereos espaços;
Poeta, são braços que fallão de amor!

O doce couloio de duas florinhas,
Que bellas rosinhas misturão o odor,
Tão lindo capricho da linda natura
Que meiga e tão pura nos falla de amor.

Assim como a nuvem o orvalho e as flores,
Que fallão de amores no doce calor,
Travemos, poeta, de lyra encantada
E na corda vibrada, fallemos d'amor!

Cerqueira Lima.

ANEDOCTAS

Certo sujeito mui fanfarrão dizia em uma sociedade, alto e bom som: — O meu ar é tão marcial que até tenho medo de mim mesmo, quando me vejo no espelho.

Levantando-se uma horrenda tempestade, perguntou o capelão de um navio, a um dos marinheiros, se elle julgava que estivessem em perigo. — Se o vento continuar a soprar como agora, respondeu o marujo tranquillamente, antes de meia noite estaremos no Céo na presença dos benaventurados, gosando do premio de nossas boas acções. — Aterrado o capelão, ao ouvir semelhante expressão, exclamou com ingenuidade: Oh! homem, Deus nos livre disso!

Indo certo embaixador frances à presença de Carlos V, não achou onde se sentasse porque o imperador querendo-o humilhar tinha mandado tirar da sala todas as cadeiras; porém o embaixador que conhecera a intenção com que isso se fizera, tirou logo uma capa mui rica que sobre si levava, enrolou-a fez dela um assento: acabada a audiencia saiu, deixado-a ficar; e querendo os porteiros restituir-lh'a, disse-lhes: — « Não, os embaixadores d'el-rei meu amo nunca costumam levar consigo as cadeiras de que se servem. »